

Projeto de Extensão “Mulheres na Literatura”: reflexões sobre gênero na Rede Federal de Ensino da Bahia, IFBA-*Campus Jequié*

Ellane Nardotto Rios Cabral¹

Resumo

Este trabalho objetiva apresentar dados acerca do Projeto de Extensão “Mulheres na Literatura”, realizado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) com estudantes do Ensino Médio Integrado, considerando a seguinte questão: qual o lugar da mulher escritora na literatura e na memória cultural? Partiu-se da ideia de que a escrita feminina no âmbito da literatura foi construída nos seus contextos de produção como “um capricho feminino” e que deveria estar sob a égide do mundo masculino. Para além desse mundo, há uma luta criadora da mulher para dizer a ela mesma quem ela era e é, o que reflete para o que se está vivendo na atualidade. No debate sobre a Lei n. 13.005/2014 (Plano Nacional de Educação), o Senado alterou a redação do inciso III “igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual” para “cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação”. Retirar o conceito “Gênero” do inciso implica o modo como a construção social, em especial a brasileira, materializa um ideário masculino como agente ativo, até mesmo na constituição das nossas leis se verificarmos que as bancadas políticas têm uma representação majoritária de homens. Por isso, torna-se relevante insistir na discussão do tema em questão haja vista se acreditar que o espaço escolar é lugar de formação humana integral para se compreender as construções e as relações sociais subjacentes aos fenômenos inerentes aos seres humanos.

Palavras-chave: Mulheres na Literatura. Projeto de Extensão. Gênero.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo presentar los datos sobre el Proyecto de Extensión “Mujeres en la Literatura”, realizado en el Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Bahía (IFBA) con los estudiantes de la escuela secundaria integrada considerando la pregunta: ¿cuál es el lugar de las mujeres escritoras en la literatura y la memoria cultural? Se partió de la idea de que la escritura de la mujer en la literatura fue construida en sus contextos de producción como “un capricho femenino” y que debe estar bajo los auspicios del mundo masculino. Más allá de este mundo, hay una lucha creativa de las mujeres a decirse a sí misma lo que era y es, como reflejo de lo que está viviendo en la actualidad. En el debate sobre la Ley n. 13.005 / 2014 (Plan Nacional de Educación), el Senado modificó la redacción de la sección III “igualdad racial, regional, de género y orientación sexual” a “la ciudadanía y la erradicación de todas las formas de discriminación”. Retirar el concepto “género” del punto implica cómo la construcción social, especialmente la brasileña, materializa una ideología masculina como un agente activo, incluso en la constitución de nuestras leyes si encontramos que las posiciones políticas tienen una representación mayoría de hombres. Por lo tanto, es importante insistir en la discusión del tema en cuestión en vista creen que la escuela es un lugar de formación humana integral para comprender las estructuras y las relaciones sociales que subyacen a los fenómenos inherentes a los seres humanos.

Palabras-clave: Mujeres en la Literatura. Proyecto de Extensión. Género.

¹ Professora de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia. Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia

1 Relato

*Somos mutantes, mulheres em transição.
Como nós não houve outras antes.
E as que vieram depois serão diferentes.
Maria Colasanti*

Não é de hoje que há uma defesa da importância da Literatura na organização curricular do Ensino Médio como experiência cultural e estética carregada de sentidos, sensações e emoções de forma a garantir uma formação leitora, humanística e intelectual no espaço escolar. Valoração curricular construída, em especial com a ascensão da burguesia, no século XIX, que acabou por se reconfigurar diante das demandas imediatas e pragmáticas materializadas dentro do que chamamos “auge do capitalismo” ou tempos hipermodernos resultado do mercado profissional mediado pela eficiência técnica nos tempos atuais. Dessa forma, faz-se necessário problematizar: o que legitima a permanência da Literatura no currículo do Ensino Médio se não for para as provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e para os exames vestibulares? O que legitima a Literatura no currículo do Ensino Médio Técnico Integrado da Rede Federal considerando uma lógica perversa e, até excludente, de uma educação profissional voltada para atender ao mercado? Qual a finalidade da arte literária diante do imediatismo e pragmatismo a que estamos imbuídos nestes tempos?

Possíveis réplicas para as questões acima podemos presentificar: o pressuposto de que a arte literária mediada por palavras poéticas, seja em verso ou em prosa, permite a fruição estética e um meio de humanização para combater o homem coisificado e codificado; a formação do pensamento teórico, reflexivo e crítico; autonomia intelectual e cultural de modo a compreender nuances e complexidades do mundo e do próximo; afinamento das emoções e senso de beleza; uma abertura para o processo de formação para a alteridade e a ética reconhecendo o ser humano como um semelhante; conhecimento e apropriação de produções literárias; contato efetivo e formação de leitoras e leitores de textos literários.

No âmbito legal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, n. 9394/96, referenda os argumentos acima ao legitimar diretrizes para o Ensino Médio, em especial no Art. 35 no

inciso III, quando apresenta “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e do desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”. No texto “Políticas Públicas para a Educação Profissional e Tecnológica”, publicado pelo Ministério da Educação (MEC), em 2004, há uma intensificação do aspecto humano na formação técnica presentificado nos valores éticos, sociais e políticos. Nas “Concepções e Diretrizes da Educação Profissional e Tecnológica”, texto do MEC de 2010, concebe-se a formação humana e cidadã como precedente à qualificação do exercício do labor entrelaçando cultura, trabalho, ciência e tecnologia em favor da inclusão social e da democratização do saber. Uma educação profissional e tecnológica em sintonia com os valores universais dos seres humanos garantida através da cultura e das artes, bem definida em uma passagem do livro “Institutos Federais: uma revolução na Educação Profissional e Tecnológica”: “a música, tão cultivada em muitas escolas, deve ser incentivada e fazer parte da formação de nossos alunos, assim como as artes plásticas, o teatro e a literatura”.

Chamamos a atenção que no universo literário especificamos, neste trabalho, o lugar das mulheres escritoras considerando a seguinte questão: qual o lugar da mulher na literatura e na memória cultural? Nelly (2002) reconhece o lugar da mulher na Literatura no momento em que a Poesia, ao anunciar o nascimento do Amor, acabou codificando as relações homem-mulher, tal como a civilização cristã. Como exemplo, tem-se a poesia trovadoresca que, em linhas gerais, trazia a vassalagem amorosa à amada escolhida. Um amor cortês que apresenta os ideais da Igreja difundidos no culto à Virgem Maria em contraponto à imagem negativa, representada por Eva. Desse modo, a poesia trovadoresca foi um dos grandes meios de difusão da dupla imagem feminina: positiva e negativa. Em contrapartida, a autora mostra que a História da Literatura pode se constituir de forma transdisciplinar para abarcar os complexos entrelaçamentos de uma literatura escrita por mulheres e por homens, ou seja, uma possibilidade de escrita sobre uma nova história da literatura. A fim de garantir essa ideia, Nelly apresenta uma trajetória da literatura feminina em Portugal e no Brasil perpassando os séculos XIII até a atualidade, objetivando dar visibilidade ao coro de vozes femininas que, por muito tempo, foi (é) ignorado pela historiografia literária.

Não podemos perder de vista que a escrita feminina no âmbito da literatura também foi vista nos seus contextos de produção como “um capricho feminino” ou, até mesmo, uma ameaça aos costumes arraigados da sociedade quando, na verdade, a produção literária escrita por mulheres pode ser vista como uma libertação criadora e estética da ideia de que o mundo feminino está sob à luz do mundo masculino. Para além do mundo masculino, “agora um elemento-chave da mudança em processo é o próprio mundo feminino, é a própria condição de mulher que tenta se redescobrir e se reequacionar em sintonia com as novas formas imperantes” (...).

Se observarmos que tal produção foi vista como um “capricho feminino” e, ao mesmo tempo, uma luta criadora da mulher para dizer a ela mesma quem ela era, compreendemos o que estamos vivendo na atualidade. Não por acaso, no debate sobre a Lei n. 13.005/2014 (Plano Nacional de Educação), o Senado alterou a redação do inciso III “igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual” para “cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação” (PNE, 2014). Retirar o conceito “Gênero” do inciso implica o modo como a construção social, em especial a brasileira, materializa um ideário masculino como agente ativo, até mesmo na constituição das nossas leis se verificarmos que as bancadas políticas têm uma representação majoritária de homens.

Por isso, torna-se relevante resistirmos e, também, insistirmos na discussão do tema em questão haja vista acreditarmos que o espaço escolar é lugar de formação humana integral para compreendermos as construções e as relações sociais subjacentes aos fenômenos inerentes aos seres humanos. E mais, o lugar de desenvolvimento das capacidades de interpretar, analisar, criticar, refletir e aprender; no nosso caso, aprender que o respeito e a alteridade devem fazer parte da vida social e princípio básico dos Direitos Humanos, afinal, todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos.

Com o exposto, produzimos o evento-extensão “Mulheres na Literatura” objetivando debater questões de gênero tomando como fio norteador escritoras interpretadas, apresentadas e musicalizadas por estudantes de Ensino Médio Integrado da Rede Federal Profissional, tendo a seguinte organização bem como programação:

2 Autoras Estudadas

Maria Firmino dos Reis
Elisa Lucinda
Cecília Meireles
Conceição Evaristo
Adriana Abreu
Cora Coralina
Ana Maria Machado
Adélia Prado
Lygia Fagundes Telles
Clarice Lispector
Marina Colasanti
Zélia Gatai

1. Discussão em sala de aula sobre o tema do projeto e as autoras – biografia e obra - com as turmas envolvidas no projeto.

Os textos foram escolhidos considerando, sobretudo, a inclusão de autoras negras na lista. Além disso, ocorreu uma preocupação em escolher uma autora local, professora Dra. Adriana Abreu, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, de modo a garantir que a mesma fosse reconhecida de forma mais próxima e, também, pudesse estar presente no evento. A importância desse dado está na ideia de que os estudantes puderam assistir a sua palestra e, ao mesmo tempo, puderam tirar dúvidas sobre os conceitos de gênero e feminismo.

Após a escolha das autoras, levando em conta os fatos acima, duas professoras de Literatura distribuíram, de forma aleatória, os nomes das autoras entre as 7 turmas envolvidas. Daí cada grupo com a respectiva autora fez seminários de modo a garantir a apresentação da biografia bem como os textos literários. Foi um momento rico porque envolveu pesquisa, seminário e debates, e os estudantes puderam socializar entre si as informações e, de certa forma, conhecer um pouco cada escritora em estudo.

2. Adaptações realizadas

Depois das apresentações, debates e estudos da obra das autoras, os estudantes, de forma autônoma, iniciaram o processo de transposição dos textos literários para uma versão mais artística. Daí foram surgindo diferentes formatos: dramatizações, danças e músicas. Eles tiveram um tempo para os ensaios sob a orientação das professoras envolvidas, já que, tínhamos um momento de culminância para as apresentações.

3. Culminância do Projeto dia 3 de setembro de 2016, no Auditório do IFBA, Campus Jequié.

A culminância ocorreu num sábado para que todos os estudantes pudessem participar de forma efetiva. Foi uma manhã de muita produção de conhecimento e ainda pudemos contar com a presença de uma das escritoras, Adriana Abreu que, por sua vez, foi homenageada.

GRUPO DE PESQUISA: EDUCAÇÃO, LINGUAGENS E PRÁTICAS
PEDAGÓGICA PEDAGÓGICA

Professoras Organizadoras: Elaine Nardotto e Giseli Novaes

Turmas Envolvidas: 211, 212, 221, 321, 421, 431



INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
BAHIA
Campus Jequié

MULHERES NA LITERATURA

Programação:

| | |
|---|------------|
| Abertura com as docentes Elaine Nardotto e Giseli Novais | 7h10/7h30 |
| Homenagem à escritora Adriana Abreu | 7h40/8h10 |
| Bate papo com Adriana Abreu | 8h20/9h10 |
| Intervalo | 9h20/9h45 |
| Apresentações das Turmas sobre as autoras estudadas | 9h50/11h40 |
| Bate papo com os docentes André Luís e Michel Menezes: "Homens na luta contra o machismo e a misoginia" | 11h40/13h |

Data: 3 de setembro de 2016
Local: IFBA - Campus Jequié



**"Por um mundo onde sejamos socialmente iguais,
humanamente diferentes e totalmente livres"**

- ROSA LUXEMBURGO

Figura 1: Programação do Evento



Fotografia 1: Performance da obra de Elisa Lucinda
Fonte: a autora



Fotografia 2: Performance musicalizada da obra de Conceição Evaristo
Fonte: a autora



Fotografia 3: Performance da obra da escritora Cora Coralina
Fonte: a autora



Fotografia 4: Performance dos poemas da escritora Adriana Abreu
Fonte: a autora



Fotografia 5: Performance da obra de Ana Maria Machado
Fonte: a autora

3 Considerações sobre o Projeto

A relevância do projeto e seu impacto na comunidade escolar que dele participou, deu-se porque coincidiu com as discussões que estavam sendo feitas sobre o Projeto da Escola Sem Partido que, em sua base, desconsidera qualquer debate sobre questões de gênero na escola. E falar de “Mulheres na Literatura” implica falar de gênero. As estudantes, sobretudo, quando produziram suas adaptações trouxeram, intrinsecamente, questões que dizem respeito à condição da mulher na sociedade de modo a desconstruir o *status quo* que está distante da igualdade de direitos. Todas as performances envolveram questões como os diferentes papéis sociais da mulher bem como o processo de resistência enfrentado por elas para garantir voz e vez, tão ao gosto das escritoras lidas e interpretadas.

A todo o momento ficou evidenciado, no decorrer do desenvolvimento das atividades do projeto, o princípio de que somos sujeitos inacabados e sempre construindo a nossa identidade e o nosso papel na sociedade mediante a interação com o outro nas diferentes esferas sociais e, desse modo, não há como conceber um esvaziamento de opiniões, concepções e visões de mundo se estamos falando de prática pedagógica, o que implica o

encontro de subjetividades mediante a leitura e a discussão de textos literários escritos por mulheres. Neutralizar isso, como assim professam os defensores do Projeto Escola sem Partido, é o mesmo que negar o espaço escolar como o lugar da formação humana e cidadã onde a heterogeneidade e o confronto de ideias é parte constitutiva. Concordamos com Paulo Freire quando propõe as leituras de mundo nos espaços formais de educação. Princípio básico do que Freire denominou dialogismo que se refere, nas palavras do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin, a “uma arena de luta” como processo de formação da consciência crítica, no qual diferentes pontos de vista podem e devem ser experimentados de forma ética, responsável e respeitosa. Negar isso é desconsiderar a natureza do trabalho docente e, pior, tratar os estudantes como se fossem uma geração sem coragem tanto quanto os enunciadores desse programa talvez o tivessem sido.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Lei nº 9394. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília: 1996.

_____. *Proposta em Discussão: Políticas Públicas para a Educação Profissional e Tecnológica*. Brasília: Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, Ministério da Educação, 2004.

_____. *Plano Nacional de Educação - PNE/Ministério da Educação*. Brasília, DF: INEP, 2014.

COELHO, Nelly N. *Literatura: arte, conhecimento e vida*. São Paulo: Petrópolis, 2002.

FREIRE, P. *Conscientização: Teoria e Prática da Libertação*. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

Data de submissão: 22/04/2017. Data de aprovação: 19/10/2017